

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16712 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

AS RELAÇÕES DE AMIZADE E INTERDEPENDÊNCIA EM UMA ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS NO CONTEXTO DA ESCOLA COMUNITÁRIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO LIXÃO

Leandro Forell - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Fabiana Gazzotti Mayboroda - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Vanessa Silva Bernardes - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

AS RELAÇÕES DE AMIZADE E INTERDEPENDÊNCIA EM UMA ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS NO CONTEXTO DA ESCOLA COMUNITÁRIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO LIXÃO

RESUMO: Este texto busca, a partir da Teoria Configuracional de Norbert Elias, compreender a rede de interdependências que faz com que as crianças, com idade entre 3 anos a 5 anos e 11 meses, que frequentam a Escola Comunitária de Educação Infantil do lixão, construam suas interações com seus pares, professores e trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal como relações de amizade. A investigação está desenhada em uma etnografia com crianças, utilizando-se do diário de campo como instrumento. As compreensões acerca da dinâmica social do contexto e também no que se refere aos significados produzidos pelas crianças acerca das suas relações de amizade, possibilitou olhar a infância como um grupo ativo inserido na rede de interdependências, neste sentido, as crianças que frequentam a instituição são afetadas pelas relações com os pares, professores e trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal, mas também, são capazes de afetá-las, de modo a ser moldada e também moldar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Etnografia com crianças. Amizade. Rede de interdependências. Norbert Elias.

No ano letivo de 2022, realizamos uma etnografia com crianças no contexto da Escola Comunitária de Educação Infantil, que está localizada dentro da área territorial de um Aterro Sanitário, o qual é nomeado em termos *emic* como lixão. No tempo da permanência em campo, em muitos momentos das vivências e experiências produzidas junto às crianças, por meio de suas atitudes e falas, observamos aspectos relacionais, oriundos das interações estabelecidas pelas crianças, classificadas em seus pontos de vista, por amizade.

O interesse na temática surgiu, a partir do momento no qual começamos a ser vistos como amigos das crianças, e, nessa posição, passamos a receber, por parte delas, alguns

convites que nos permitiram acessar seu universo cultural. **Isaac:** “*Tu sabe brincar de pular de um pé só?*” (Diário de campo, 23 ago. 2022), **Alice:** “*Vamos ver os jacarés?*” (Diário de campo, 22 mar. 2022), **Clara:** “*Tu vai outro dia com a gente no ônibus?*” (Diário de campo, 03 mai. 2022).

A proposta desenvolvida neste texto, parte justamente de um desses convites, que foi provocado pela narrativa da menina Sara, quando afirma: “*eu gosto de brincar em casa, mas na escola eu brinco com os meus amigos*”. Assim, como objetivo buscamos, a partir da Teoria Configuracional de Norbert Elias (2018), compreender a rede de interdependências que faz com que as crianças, com idade entre 3 anos a 5 anos e 11 meses, que frequentam a Escola Comunitária de Educação Infantil do lixão, construam suas interações com seus pares, professores e trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal como relações de amizade.

Metodologicamente, escolhemos a etnografia (Geertz, 1989) com crianças (Corsaro, 2011), por nos proporcionar, através da observação participante (Malinowski, 1978), estar em contato direto com as crianças e, aprofundar no mundo de suas experiências construindo cadeias de significação. Os registros das observações foram desdobradas em descrições no diário de campo (Winkin, 1998). Logo, indicamos que ao longo dos 9 meses de permanência no campo, foram registrados 60 diários decorrentes das 268 horas de interação com os participantes da investigação.

No primeiro momento do campo, nos dedicamos em construir vínculos com a comunidade de trabalhadores, com os professores e com as crianças, pois compreendemos como um importante desdobramento, no sentido que a entrada e aceitação em campo dependeria de um bom processo de negociação. Tal estratégia, nos oportunizou a construção de uma relação de confiança e amizade, estabelecendo, uma “*experiência de proximidade*” (Geertz, 1989) com as crianças, professores e trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal, como se faz notar em destaque no episódio que compartilhamos a seguir:

Episódio: “*Aqui na escola eu brinco com os meus amigos*”.

Entre a participação constante da professora junto às crianças no tempo da atividade e sinalizações de quebra das regras:

Professora Juliana: Ai, ai, ai...tem gente colocando o pé no chão.

As crianças, como forma de apoio umas às outras, narram:

Davi: Sara, você quer ajuda?

Clara: Se não conseguir pular mais de uma vez, pode colocar o pé no chão e pular, colocar o pé no chão e pular?

Alice: Sara, vai lá, Sara, você está conseguindo.

Isaac: Natalia, espera aí que eu te ajudo.

[Entre as estratégias e as ações para obter o êxito de pular com apenas um único pé, as crianças pulavam um pouco, paravam, descansavam.

Brigavam entre si, no instante em que os colegas passavam à sua frente na brincadeira ou quando apoiavam-se para não cair. Transgrediram as regras. Trocavam de perna, faziam uma mescla entre pular e correr saltando. Também sugerem aos colegas, no decorrer da brincadeira, alguns novos modos de pular. Durante as muitas estratégias, as crianças também solicitaram o auxílio dos trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal Ênio e João que estavam limpando o pátio da escola].

Trabalhador João: Isaac, tem que olhar para frente, sem olhar para o chão.

[...]

Isaac, ao perceber que eu estava sentada, observando a brincadeira, dirigiu-se até o local onde eu estava e perguntou:

Isaac: [nome da pesquisadora], tu sabe brincar de pular num pé só?

Naquela hora não hesitei e respondi a ele :

Pesquisadora: Não, mas se você puder me ensinar, eu gostaria de aprender.

[...]

[Enquanto brincávamos e nos auxiliamos para conseguir pular o máximo de tempo possível em um pé só sem cair. Sara, para na metade do percurso, volta-se em direção da professora Juliana].

Sara: Profe, sabia que eu brinco em casa também. Mas é ruim brincar sozinha, aqui na escola eu brinco com os meus amigos” (Diário de campo, 23 ago. 2022, grifo nosso).

Para Elias (1994, p.39), “toda a maneira como o indivíduo se vê e se conduz em suas relações com os outros depende da estrutura da associação ou associações a respeito das quais ele aprende a dizer ‘nós’”. Portanto, a proposta de pular em um pé só se desdobra na direção de conceber que os gestos e atos de uma criança não são efeitos de sua natureza interior, mas constituem uma função e um conjunto de relações.

Ligado às relações tecidas, no âmbito das observações, destacamos na narrativa produzida por Sara a referência à palavra amigo. Por meio dessa referência, podemos inferir que a amizade no contexto educacional investigado é tecido na construção de vínculos constituídos nas interações entre as crianças e também com os adultos. Nesse sentido, a amizade mostra-se interdependente das brincadeiras produzidas entre as crianças e seus pares (Corsaro, 2011), professoras, trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal. Para os autores Oliveira e Souza (2018, p.17):

[...] são as relações e as experiências que vão sendo conferidas às pessoas desde a infância, que possibilitam a aquisição de camadas sociais, que são indispensáveis para a convivência com os outros. Contudo, à medida que essas camadas vão sendo adquiridas e as relações de interdependência multiplicadas [...].

Dessa forma, na interação entre as crianças, a professora itinerante Juliana e o

trabalhador do Aterro Sanitário Municipal João, é possível perceber a “necessidade que têm as crianças de viver sua própria vida, uma maneira de viver que em muitos sentidos é distinta do modo de vida dos adultos, não obstante da sua interdependência com eles” (Elias, 2012, p.410).

Diante de alguns dos sentidos produzidos no contexto estudado, podemos também dizer, que tal como os achados por Corsaro (2011, p.165) em suas pesquisas etnográficas com crianças, a amizade significa “produzir atividade compartilhada em conjunto”, a exemplo da complexidade elaborada na brincadeira de pular em um pé só. Neste cenário, a interdependência entre a amizade e a brincadeira toma o lugar de espaço de construção das relações, práticas sociais e culturas infantis (Corsaro, 2011). Isto posto, parecem vincular à amizade a necessidade de aproximação, pois, em rede de relações interligadas e interdependentes formando “nexos mutáveis chamados figuras ou configurações” (Leão, 2007, p.30).

Diante dessas premissas, podemos apreender que a rede de interdependências foi se constituindo e, de forma muito singular, como as crianças vão tecendo e inserindo-se na rede, assim, como vão inserindo novas pessoas na configuração, ou seja, “os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figuras específicas” (Elias, 2006, p.26), neste caso da brincadeira produzida pelas crianças junto aos seus amigos, a configuração escolar. A exemplo do que Elias explica, destacamos as situações interativas protagonizadas no episódio compartilhado: **Davi:** “Sara, você quer ajuda?”, **Clara:** “Se não conseguir pular mais de uma vez, pode colocar o pé no chão e pular, colocar o pé no chão e pular?”, **Alice:** “Sara, vai lá Sara, você está conseguindo”, **Trabalhador João:** Isaac, tem que olhar para frente, sem olhar para o chão, **Professora Juliana:** “Ai, ai, ai...tem gente colocando o pé no chão”.

Comumente a estas interações, enfatizamos, a importância das inter-relações estabelecidas entre as crianças e os adultos, no qual “muitos fios isolados ligam-se uns aos outros, onde nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidos em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados” (Elias, 1994, p.35), portanto, a rede de interdependências “só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca”.

Campos e Ramos (2019) que realizaram investigações com crianças na Escola de Educação Infantil, pautaram-se nos estudos de Corsaro (2002; 2011) para ressaltar que as crianças se dedicam a construir amizades desde cedo e que, para elas, isso significa compartilhar algo conjuntamente, assim como, resguardarem-se para que a atividade se mantenha apenas entre elas e não seja ameaçada. Além disso, as crianças valem-se da amizade para conseguirem algo e estabelecerem solidariedade e confiança entre elas (Corsaro, 2011), tal como as estratégias elaboradas pelas crianças quando convidadas pela professora para brincarem de pular em um pé só. Para Campos e Ramos (2019, p.64-65), “as crianças veem os companheiros de brincadeiras como amigos. As amizades são construídas coletivamente pela

participação ativa das crianças em seus mundos e nas culturas de pares”.

Os autores ainda apresentam, através dos seus estudos sobre a participação social de crianças na Educação Infantil, indícios que os grupos formados eram determinados por estratégias que evocavam a amizade como forma de acesso e permanência das crianças nas brincadeiras. As estratégias anunciadas por Campo e Ramos (2019) são melhor compreendidas quando pensamos o conceito de configuração atrelado ao conceito de poder, tal como explicado por Costa (2017, p.44) nas situações de jogos de carta ou de xadrez da teoria eliasiana:

As ações operadas por cada função determinam os processos internos dessas estruturas, tal como num jogo de xadrez, em que os movimentos das peças vão traçando a história do movimento das jogadas que lhes sucedem. Assim, não é possível explicar as ações e os objetivos das funções se forem tomadas isoladamente, mas apenas na inter-relação que elas mantêm com outras funções.

Neste cenário, em que os amigos - crianças e adultos- competem, “nenhuma jogada pode ser explicada isoladamente, tendo em vista o modo como as jogadas anteriores resultaram na configuração das peças até aquele momento específico” (Souza, 2017, p.44). Assim, compreendemos que a infância no contexto da Escola Comunitária de Educação Infantil do lixão, é um grupo ativo inserido na rede de interdependências. Neste sentido, as crianças são afetadas pelas relações entre os pares, professores e trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal, mas também, são capazes de afetá-las, de modo a ser moldada e também moldar.

Por fim, quando a menina Sara anuncia que, em casa ela brinca, mas que na escola ela brinca com seus amigos, também está comunicando as relações de interdependências que unem as crianças, aos professores e aos trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal, ou seja, seus companheiros de brincadeiras e compartilhamento de vivências. Deste modo, corroboramos com Elias (1994, p.22) pois, “cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos” (Elias, 1994, p.22), ou mesmo, como no contexto institucional investigado, como laços de amizade.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Rafaely Karolynne Nascimento; RAMOS, Tacyana Karla Gomes. Participação social de crianças em brincadeiras: aproximações às culturas da infância na educação infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis/SC, v. 21, n. 39, p.51-66, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2019v21n39p51/38580>. Acesso em: 10 maio 2024.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSARO, William Arnold. A Reprodução Interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das

crianças. **Educação, Sociedade e Culturas**. 2002, no 17, p.113-134. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC17/17-5.pdf>. Acesso em 8 maio 2024.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2018.

ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 27, n. 3, p.469-493, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5679/5167>. Acesso em: 23 maio 2024.

ELIAS, Norbert. Escritos e ensaios: estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

LEÃO, Andréa Borges. **Norbert Elias & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MALINOWSKI, Bronisław. **Os argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia. São Paulo: Cultural, 1978.

OLIVEIRA, Vinicius Machado de; SOUZA, Juliano de. A infância, o brincar e o jogar: reflexões a partir do referencial teórico de Norbert Elias. **Educ. Rev.** Belo Horizonte, v. 34, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hStHJ8rfpX3bsJKQB8tHsVt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2024.

SOUZA, Cibele Witcel de. As linguagens teatrais produzidas para e pelas crianças da Educação Infantil. In: PRADO, Patrícia Dias; SOUZA, Cibele Witcel de. **Educação Infantil, diversidade e arte**. São Paulo: Laços, 2017, p.159-184.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998, p.128-145.